UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A MISSÃO TENSHŌ (1582-1590): A PRIMEIRA EMBAIXADA JAPONESA NA EUROPA

LÍGIA KAORI KONDO

Brasília

2022

A MISSÃO TENSHŌ: A PRIMEIRA EMBAIXADA JAPONESA NA EUROPA

LÍGIA KAORI KONDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada e bacharel em História.

Orientador: Luiz Paulo Ferreira Nóguerol

Data da defesa oral: 17/01/2023

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nóguerol – UnB Orientador

_____

Dr. Jorge Henrique Cardoso Leão

_____

Dra. Renata Cabral Bernabé

Brasília

2022

Dedico este trabalho à minha família, que atravessou oceanos em busca de uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, Yoko e Oscar, por todo o amor, apoio e incentivo. Obrigada por me ensinarem que o bem mais precioso que alguém pode adquirir é a educação. Obrigada por sempre me proporcionarem todas as condições para que fosse possível a minha formação. Sem eles eu não seria nada e essa graduação não seria possível.

Agradeço à minha família, especialmente meus avós, Masumi, Satiko, Hiroo e Kazuko, por sempre incentivarem os meus estudos e por todo o caminho percorrido por eles para que fosse possível que eu me tornasse quem eu sou hoje. Agradeço também ao meu irmão, Júlio, que me acompanha desde o seu nascimento e que sempre me apoiou em minha jornada.

Junto da minha família, gostaria de registrar a minha eterna gratidão ao meu orientador, Luiz Paulo Ferreira Nóguerol, que muitas vezes acreditou mais em mim do que eu mesma. Muito obrigada pelos conselhos, incentivos e compreensão. Certamente sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e também para o meu crescimento profissional, acadêmico e pessoal.

Em seguida gostaria de agradecer aos professores e professoras do departamento de História da UnB, especialmente aqueles com quem tive o prazer de trabalhar de maneira mais próxima: Estevan Thompson, Luiz César e Marcos Aurélio. Agradeço também ao professor Francisco Doratioto que me inspirou, à sua maneira, a escolher o tema da minha pesquisa.

Agradeço também aos amigos que me apoiaram de várias formas e estiveram presentes em toda minha graduação, em especial Pedro, Bodas, Mesquita, Helena, Ana Júlia, Luana, Amanda e Alice.

Agradeço à Laura, pois quase tudo é para ela. Obrigada por me acompanhar em todos os desafios e dificuldades da graduação e dividir todos os momentos dessa jornada.

Por fim, agradeço ao Felipe por todo apoio e incentivo nos momentos em que mais precisei. Obrigada pelo carinho e por sempre se fazer presente.

RESUMO

Denominada como “Missão Tenshō”, por ter sido realizada durante a era Tenshō, mais especificamente de 1582 a 1590, a primeira embaixada japonesa na Europa é idealizada pelo jesuíta Alessandro Valignano e impulsionada por três daimyōs católicos: Ômura Sumitada, Arima Harunobu e Ôtomo Yoshige. A presente pesquisa analisou o processo de criação da primeira embaixada japonesa na Europa e os motivos que a originaram, juntamente com a atuação dos jesuítas – especialmente Valignano – como interlocutores nas relações entre o Japão e a Europa.

Palavras-chave: Relações Luso-nipônicas. Jesuítas no Japão. História do Japão.

ABSTRACT

Called "The Tenshō Mission", because it was carried out during the Tenshō era, more specifically from 1582 to 1590, the first Japanese embassy in Europe is conceived by the Jesuit Alessandro Valignano and driven by three Catholic daimyōs: Ômura Sumitada, Arima Harunobu and Ôtomo Yoshige. This paper analyzes the process of creating the first Japanese embassy in Europe and the reasons that originated it, together with the performance of the Jesuits – especially Valignano – as interlocutors in relations between Japan and Europe.

Keywords: Portuguese-Japanese Relations. Jesuits in Japan. History of Japan.

Sumário

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1: A MISSÃO CATÓLICA NO JAPÃO 11

ALESSANDRO VALIGNANO 15

A VISITA DE VALIGNANO AO JAPÃO 17

VALIGNANO E A POLÍTICA DA ACOMODAÇÃO 18

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA MISSÃO CATÓLICA NO JAPÃO 19

CAPÍTULO 2: A MISSÃO TENSHŌ 22

A EMBAIXADA JAPONESA 22

OS PREPARATIVOS PARA A MISSÃO 25

A RECEPÇÃO DA EMBAIXADA NA EUROPA 30

CAPÍTULO 3 – A REPERCUSSÃO GERADA PELA MISSÃO TENSHŌ 38

O RETORNO DA EMBAIXADA AO JAPÃO 38

A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS DO JAPÃO 40

OS FRUTOS DA EMBAIXADA 42

CONSIDERAÇÕES FINAIS 46

FONTE 48

BIBLIOGRAFIA 48

INTRODUÇÃO

O início do período moderno define um novo senso de fronteiras do mundo habitado pelos europeus e pelos povos com quem eles tiveram contato, visto que este é um período de viagens e descobrimentos, com inúmeras redefinições geográficas. O século XVI é intensamente marcado pelo processo de Expansão Marítima europeia – em especial das Coroas Ibéricas – iniciado por Portugal no século XV, seguido pela Espanha no século XVI. Tal processo foi motivado por diversos fatores econômicos, religiosos, estratégicos e políticos. Dentre estes destacamos o interesse pelo comércio de especiarias na Ásia.

A penetração dos portugueses no comércio marítimo asiático se deu por meio do estabelecimento de portos fortificados que serviram de bases navais e entrepostos comerciais. Estes estavam localizados em Goa, Ormuz e Malaca. Além dos territórios que foram efetivamente conquistados por Portugal, existiram também locais em que os portugueses foram autorizados a estabelecer feitorias não fortificadas e exercer comércio na região, como São Tomé de Meliapor, Hughli e Macau[1].

Macau foi um dos mais importantes pontos comerciais para os europeus durante o período em questão. Segundo Kavalam Madhava Panikkar[2], os portugueses tiveram seu primeiro contato com os chineses na Península da Malásia e desenvolveram um enorme interesse pelo comércio com o grande império chinês. Em 1516, os portugueses chegam à China e iniciam diversas ações diplomáticas, buscando estabelecer uma boa relação comercial com os chineses. Apesar de inicialmente nenhuma relação política e diplomática ter sido estabelecida, os portugueses receberam a permissão para comercializar nos portos do sul da China[3].

Desde o século XIII a costa chinesa sofria ataques constantes de *wako* – piratas japoneses – sendo estes intensificados durante o período Ming. Os assaltos eram

[1] BOXER, Charles Ralph. **O império colonial português (1415-1825)**. Lisboa: Edições 70, 1969. p.66-67.
[2] PANIKKAR, Kavalam Madhava. **Asia and Western Dominance**: a survey of the Vasco da Gama epoch of Asian history 1498-1945. Londres: Geroge Allen & Unwin Ltd, 1959. p.55.
[3] Ibid., p.58.

frequentemente violentos e extremamente prejudiciais aos nativos. Como resultado de tais ataques, o comércio e as relações com o Japão foram proibidos sob pena de morte e os portugueses se aproveitaram da situação, no século XVI, agindo como intermediadores no comércio entre a China e o Japão[4].

Os primeiros contatos entre japoneses e europeus, em território japonês, ocorrem em 1543 com a chegada de três mercadores portugueses à ilha de Tanegashima, localizada ao sul de Kyūshū[5]. Durante o desenvolvimento das primeiras relações entre japoneses e europeus, o Japão se encontrava em um período de guerra civil, denominado *Sengoku-Jidai*. Anteriormente a esses conflitos, o Japão era majoritariamente controlado pela figura do *Sei-taishōgun* ou *shōgun* – uma espécie de general regente do *bakufu*[6]. Seu poder era legitimado pelo imperador japonês. Este último apenas detinha uma autoridade simbólica sendo considerado, desde o século XII, uma autoridade religiosa e principal ícone do Shintō ou Xintoísmo.

Em 1338 Ashikaga Takauji torna-se shōgun e os Ashikaga mantêm seu poder até 1573. Após a morte de Ashikaga Yoshimitsu em 1408, o poder do shōgun declina notavelmente e algumas de suas ordens passam a ser frequentemente ignoradas. Simultaneamente muitos *daimyō*[7] ampliaram seus poderes e, em razão da falta de um governo centralizado, há um aumento dos conflitos entre esses governantes locais. Tais questões culminam na Guerra de Ōnin – instaurada em 1467 – e o conflito fragiliza profundamente o poder dos Ashikaga. Inicia-se, portanto, o *Sengoku-Jidai*, que se encerrou somente em 1560 com o início do processo de unificação do Japão, realizado por Oda Nobunaga.

O comércio foi a primeira relação estabelecida entre os japoneses e os europeus nos séculos XVI e XVII. Inicialmente a rota comercial portuguesa até o Japão tinha como ponto de partida a cidade de Goa, na Índia. Em seguida as embarcações se dirigiam à

---

[4] BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University Of California Press, 1967. p. 7-8.
[5] HENSHALL, Kenneth G. **A history of Japan**: from stone age to superpower. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p.43.
[6] Governo do Sei-taishōgun / shōgun. Nome japonês dado ao regime político iniciado em 1192, em que o governo do Japão passou pela cisão entre autoridade político-militar e espiritual. A autoridade espiritual coube ao Imperador enquanto o poder efetivo sobre o arquipélago ficou concentrado nas mãos do shōgun.
[7] O termo *daimyō* significa literalmente "Grande nome", referindo-se àqueles que detinham poder e influência sobre parte do território japonês. Os daimyō eram samurai, soldados de elite.

Malaca, onde realizavam uma escala para comercializar alguns produtos e abastecer os navios. De tal local, as naus portuguesas partiam em direção ao Japão, onde realizavam a troca de mercadorias. Em 1557, os portugueses recebem a permissão para se estabelecerem definitivamente em Macau e a cidade torna-se um ponto de escala na rota comercial portuguesa. O *kurofune*[8] – nome dado pelos japoneses às embarcações portuguesas – trazia produtos variados, como metais (prata e ouro), vinho, tecidos (seda e veludo), porcelanas e armas de fogo (arcabuzes). Estas últimas, nomeadas como *Tanegashima* pelos japoneses – sendo esse o mesmo nome da ilha onde chegaram os primeiros portugueses – foram introduzidas no Japão pelos portugueses ainda em 1543[9]. Inicialmente, os arcabuzes se tornaram um dos produtos de maior interesse das elites japonesas, em razão de seu enorme potencial nas disputas e conflitos existentes no arquipélago[10]. Segundo Rui Manoel Loureiro,

> O comércio português com o Japão, baseado em Macau, prolongou-se por quase um século, até 1639, data da expulsão dos portugueses do arquipélago [...]. Entre 1543 e 1570, a rota do Japão toma forma, enquanto os portugueses exploravam as condições mercantis em diferentes áreas [...]. Estabelecem-se contactos com diferentes portos japoneses na ilha de Kyushu, nomeadamente Funai, Hirado, Yokoseura ou Kuchinotsu[11].

Muitos *daimyō*, interessados pelo comércio com os portugueses, buscaram atrair os comerciantes *Nanban-jins*[12] para os seus territórios. Os portos de desembarque das Naus do Trato dependiam dos desdobramentos políticos locais, ou seja, os portos eram escolhidos com base na segurança do local, em razão dos conflitos internos existentes no Japão durante o *Sengoku-jidai.*

O interesse pelo comércio com os portugueses foi um fato de extrema relevância para a ação missionária no Japão – iniciada em 1549 com a chegada dos jesuítas no arquipélago japonês – visto que um dos fatores que levou alguns *daimyō* à conversão ao cristianismo foi o interesse em adquirir produtos estrangeiros. Artigos decorativos, seda,

---

[8] O termo *kurofune* pode ser traduzido como "Navio preto".
[9] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso Leão. Mercadores portugueses e jesuítas no Japão no século 16. *In:* PINTO, Luciano Rocha (org). **História Revistas**: sobre instituições, corpos e 'almas'. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013. p.9.
[10] Ibid., p.8-9.
[11] LOUREIRO, Rui Manuel. Navios, mercadorias e embalagens na rota Macau-Nagasáqui. **Revista de Cultura**, Macau, v. 3, n. 24, p. 33-51, out. 2007. p.35.
[12] O termo pode ser traduzido como "bárbaros do sul". Apelido dado aos portugueses e aos jesuítas pelos japoneses.

armas de fogo, etc. eram trocados, majoritariamente, pela prata japonesa. Tal comércio era intermediado pelos jesuítas, que, no dia a dia, "acabavam interagindo mais com a população e com as elites locais do que os comerciantes"[13]. Os jesuítas, portanto, tornaram-se figuras de grande relevância para o comércio estrangeiro com o Japão.

Por fim, a partir de 1571 o centro do comércio português no Japão é deslocado para a cidade de Nagasaki, localizada na antiga Província de Hizen em Kyūshū. Ōmura Sumitada, também conhecido como Dom Bartolomeu – o primeiro *daimyō* convertido ao cristianismo – cede o porto de Nagasaki para a Companhia de Jesus, visando atrair o comércio lusitano para sua área de domínio. Nagasaki tornou-se "a base estratégica das atividades mercantis desenvolvidas pelos portugueses no Japão"[14] e o período em questão foi certamente a idade de ouro da rota de comércio Macau-Nagasaki, principalmente em relação à regularidade e segurança do trajeto, dado que anualmente uma nau do trato realizava o percurso ligeiramente armada e completamente carregada de mercadorias variadas.

[13] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso Leão. Mercadores portugueses e jesuítas no Japão no século 16. *In:* PINTO, Luciano Rocha (org). **História Revistas**: sobre instituições, corpos e 'almas'. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013. p.8.

[14] LOUREIRO, Rui Manuel. Navios, mercadorias e embalagens na rota Macau-Nagasáqui. **Revista de Cultura**, Macau, v. 3, n. 24, p. 33-51, out. 2007. p.35.

CAPÍTULO 1: A MISSÃO CATÓLICA NO JAPÃO

Fundada em 1534 por Inácio de Loyola e outros seis estudantes – Pierre Favre, Francisco Xavier, Diogo Laínez, Afonso Salmeron, Nicolas Alonso de Palência e Simão Rodrigues de Azevedo[15] – a Companhia de Jesus tornou-se em poucos anos uma das maiores ordens missionárias no mundo, se fazendo presente em diversos pontos do globo, sendo o arquipélago japonês de maior interesse para a presente pesquisa. A Companhia de Jesus surgiu no contexto da Contrarreforma, movimento em que os jesuítas aturam ativamente, sendo de grande destaque a participação de Inácio de Loyola no Concílio de Trento. Apesar de ter sido fundada em 1534, é somente no ano de 1540 que a congregação foi oficialmente reconhecida pela bula papal "*Regimini militantis Ecclesiae*".

Visando a difusão do Evangelho pelo globo, a Companhia de Jesus iniciou seu processo missionário entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII, chegando à "Índia, o Coulão, Malaca, as Ilhas Molucas, o Japão, Macau, a China, as Filipinas e o Tibete na Ásia; o Reino do Congo, o Marrocos e a Etiópia na África; e o Brasil, a América Hispânica e a Nova França no continente americano"[16]. Nove anos após o reconhecimento oficial da Companhia de Jesus, os jesuítas chegaram ao Japão com o objetivo de espalhar a fé cristã no arquipélago.

Segundo Renata Cabral Bernabé, uma das grandes influências para a mentalidade dos jesuítas era a reinterpretação do trabalho de filósofos gregos e romanos da Antiguidade – em especial Aristóteles. Seguindo a visão aristotélica, os jesuítas acreditavam que seria possível alcançar a perfeição através do encontro com Deus. Tais encontros seriam "conditioned by nature itself along with the prospects of the being in question, namely by his means and capacities"[17]. Desta forma, os jesuítas não deveriam ignorar as diferenças e as diversidades sociais e culturais existentes no meio em que se

[15] HERNANDES, Paulo Romualdo, A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil, **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 222–244, 2010. p.225.
[16] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os pregadores japoneses**: missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614. 2017. 319 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. p.23.
[17] BERNABÉ, Renata Cabral. The beginning of the dispute between Jesuits and Franciscans in Japan. **Eastern Asian Studies**, Yerevan, v. 3, p. 5-27, 2018. p.14.

encontravam, uma vez que estas condicionariam a conversão das almas. De acordo com Bernabé,

> From the Jesuit point of view, the church needed to integrate itself in the surrounding world. [...] The concept of pure nature made possible the acceptance of world's diversity, not as something that should be ignored, but as something that would condition one's approach to society. Therefore, the missionary must use his experience and knowledge as a form of gauging the quality of evangelization[18].

Além do ambiente em que suas atividades eram exercidas, hábitos, valores e comportamentos – ou seja, todo o contexto em que estavam inseridos – deveriam condicionar as ações e as estratégias dos jesuítas. Os jesuítas buscaram se adaptar aos costumes locais a fim de facilitar o processo de evangelização dos japoneses. Alimentação, vestuário, comportamentos, etc. foram em muitos casos modificados para que os jesuítas fossem mais bem aceitos. Tendo em vista também o contexto de guerras e perseguições existentes no arquipélago, os jesuítas optaram por praticar a evangelização com discrição e cautela – especialmente após a publicação do édito, em 1587, de perseguição aos cristãos[19]. Segundo Helena Maria de Resende,

> a adaptação aos costumes e hábitos locais era encarada como uma estratégia, não só de evangelização, mas mesmo de sobrevivência, uma vez que os religiosos de origem europeia eram sempre em número insuficiente e estavam dispersos por um território quase sempre em guerra e no seio de uma sociedade com caraterísticas muito diferentes das restantes missões jesuítas[20].

Portanto, toda a ação dos jesuítas foi condicionada pelo contexto japonês e pelas suas adversidades específicas.

A missão católica no Japão foi comandada por Francisco Xavier de 1549 até 1551 – ano em que deixa o Japão e regressa a Goa. Apesar do breve tempo liderando os jesuítas no Japão, Xavier estabeleceu as principais estratégias utilizadas pelos missionários no arquipélago, buscando adaptar ao máximo a atuação dos jesuítas ao contexto em que estavam inseridos. Segundo Leão,

---

[18] BERNABÉ, Renata Cabral. The beginning of the dispute between Jesuits and Franciscans in Japan. **Eastern Asian Studies**, Yerevan, v. 3, p. 5-27, 2018. p.14-15.
[19] Ibid., p.15-16.
[20] RESENDE, Helena Maria de. O OUTRO CIVILIZACIONAL: o Japão do século XVI visto pelos olhos de um jesuíta português.: O JAPÃO DO SÉCULO XVI VISTO PELOS OLHOS DE UM JESUÍTA PORTUGUÊS. **Revista de História das Ideias**, [s.l.], v. 35, p. 283-303, 17 set. 2018. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-8925_35_11. p.297.

> O jesuíta se manteve sensível à questão da língua e da escrita ideográfica; insistiu na formação dos catequistas, dos intérpretes e dos auxiliares japoneses; buscou através do convencimento e das analogias penetrar com o cristianismo no mundo de significados das religiões japonesas; e incentivou as diversas práticas de caridade como forma de atrair a população que vivia em condições insalubres para a época[21].

Inicialmente, a fim de driblar as dificuldades impostas pela diferença de idiomas, os missionários utilizaram os serviços de tradução de um intérprete japonês batizado em Goa, chamado Anjirō. Anjirō – posteriormente batizado como Paulo de Santa Fé – havia fugido do Japão por ter sido acusado de assassinato e conheceu Francisco Xavier nas Moluscas. Anjirō tornou-se, portanto, o intérprete de Xavier e sua ajuda foi de extremo valor para o desenvolvimento da missão católica japonesa[22].

Os missionários realizaram um enorme esforço para aprender a língua e os costumes locais. Entre os métodos utilizados para a evangelização, destacamos a tradução de textos para a língua japonesa e o uso do teatro como meio de atrair os nativos para a religião[23].

Desde o início da missão católica no Japão houve uma enorme preocupação dos jesuítas em relação aos livros levados ao arquipélago. Estes destinavam-se, sobretudo, a fins litúrgicos e catequéticos, mas incluíam também livros de gramática, filosofia, teologia, moral e até geografia[24]. As obras representavam não somente os fundamentos do catolicismo, mas também transmitiam os valores filosóficos e culturais básicos do sul da Europa no arquipélago japonês. Portanto, a tradução das obras transportadas pelos jesuítas era feita visando não somente a conversão dos japoneses, mas também a transmissão de valores e ideias.

Em relação ao teatro, as peças "abordavam vários temas comuns ao cristianismo, como o Natal, a Paixão de Cristo e a Páscoa. Outras histórias, por exemplo, como a de Adão e Eva, tentavam transmitir aos japoneses a ideia do pecado e das tentações

---

[21] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares japoneses na missão nipônica (1549-1614). **Revista Angelus Novus**, [*s. l*], n. 6, p. 57-74, 2013. p. 61.

[22] RODRÍGUEZ, Carlos Alfredo Martínez. **Alessandro Valignano (1536-1606) e a missionação do Japão**: um projeto de inculturação. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019. p.23-24.

[23] LEÃO, op. cit., p. 63-64.

[24] LOUREIRO, Rui Manuel. Jesuit textual strategies in Japan between 1549 and 1582. **Bulletin Of Portuguese - Japanese Studies**, Lisboa, v. 8, n. 1, p. 39-63, jun. 2014. p.41-42.

mundanas"[25]. Tais histórias eram encenadas buscando converter e educar os japoneses que assistissem às apresentações.

De acordo com Ana Fernandes Pinto, outra importante característica do processo de evangelização no Japão foi a adaptação inicial do trabalho missionário à realidade de camadas mais pobres da sociedade da época[26]. Caridade e assistência aos pobres e doentes eram pontos centrais do trabalho missionário, sendo interessante salientarmos o estabelecimento de um hospital em Funai no ano de 1557 pelo jesuíta Luís de Almeida. Apesar dessas atividades – relacionadas a sangue e morte – serem consideradas fontes de impureza na sociedade japonesa, essas ações forneceram uma certa credibilidade aos missionários perante as camadas mais baixas da sociedade japonesa.

À medida que os jesuítas adquiriram mais conhecimento sobre a cultura japonesa, ocorre uma mudança no foco da ação dos missionários, que direcionam seu trabalho de evangelização para as camadas mais altas da sociedade. A partir de tal mudança, observamos um grande avanço e relativo sucesso da missão católica no Japão. Por volta de 1560, os jesuítas já haviam constituído seus principais núcleos de evangelização no arquipélago de Kyūshū e avançaram sobre a região de Honshu, se instalando na capital, Miyako (atual Kyoto). Já na década de 1580, constatamos a conversão de aproximadamente 150.000 nativos[27] – entre estes diversos *daimyō* – e o estabelecimento de algumas igrejas e seminários. Destacamos a criação, em 1600, de uma espécie de "convento" feminino na cidade de Miyako, local onde mulheres convertidas ao catolicismo puderam se dedicar à fé católica e aprofundar a própria espiritualidade[28]. Muitas dessas mulheres deixaram suas famílias biológicas para se juntarem a comunidade católica e atuaram diretamente no processo de difusão do catolicismo no Japão[29].

---

[25] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares japoneses na missão nipônica (1549-1614). **Revista Angelus Novus**, [*s. l*], n. 6, p. 57-74, 2013. p.64.
[26] PINTO, Ana Fernandes. Japanese elites as seen by Jesuit Missionaries: perceptions of social and political inequality among the elites. **Bulletin of Portuguese**: Japanese Studies, Lisboa, n. 1, p. 29-43, out. 2000. p.29.
[27] BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University Of California Press, 1967. p.78.
[28] SILVA, Luciana Nogueira da. "Século Cristão no Japão" ou "Século das mulheres cristãs no Japão"?: o jardim nipônico de agostinho de santa maria. In: XXXII SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF, 2016, Juiz de Fora. **Anais [...].** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. p. 922-935. p.924-926.
[29] Ibid., p. 923.

Após a partida de Xavier para Goa, o padre espanhol Cosme de Torres foi nomeado superior da missão do Japão, permanecendo no cargo até 1570. Cosme de Torres deu continuidade ao trabalho missionário baseado nos métodos de seu antecessor e houve um grande esforço dos missionários em diversificar seus métodos de atuação, sendo proveitoso destacarmos a ação dos *dojukus*[30] – japoneses convertidos ao cristianismo que auxiliavam os jesuítas na tradução e pregação da religião. Estes tornaram-se aptos a celebrar missas, escrever catecismos em japonês e, em casos de ausência dos padres, ministrar aulas de catequese[31].

No ano de 1570 o jesuíta português Francisco Cabral chega ao Japão para substituir Cosme de Torres como superior da missão do Japão. Cabral adotou posturas muito diferentes das de seus antecessores. De acordo com Renata Cabral Bernabé, "para Cabral o processo evangelizador deveria ser o mesmo, independente dos costumes ou valores locais. Este deveria ser fundado no Instituto da Companhia que pregava a humildade, a simplicidade, a pobreza e a imitação dos apóstolos e santos"[32]. Logo os jesuítas não deveriam adaptar os seus métodos de acordo com as especificidades do contexto em que estavam inseridos.

Francisco Cabral comandou a missão católica no Japão por nove anos até a chegada de Alessandro Valignano, *Vizitador*[33] da Companhia de Jesus às Missões Orientais.

ALESSANDRO VALIGNANO

Alessandro Valignano nasceu no dia 15 de fevereiro de 1539, na cidade de Chietti, na região de Abruzzo[34]. Filho de Giambattista Valignano e Isabella de Sangro, Valignano pertencia a uma família nobre da região. Valignano foi um estudante de direito na Universidade de Pádua e obteve seu doutorado em 1557, aos 18 anos. Após completar

[30] O termo *dojukus* fazia parte da hierarquia eclesiástica dos *bonzos* e os jesuítas teriam se apropriado da palavra para criar seu próprio corpo de auxiliares japoneses cristãos.
[31] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares japoneses na missão nipônica (1549-1614). **Revista Angelus Novus**, [*s. l*], n. 6, p. 57-74, 2013. p.62.
[32] BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.100.
[33] Optou-se pela escrita da palavra "visitador" na forma como esta aparece na fonte primária utilizada nesta pesquisa.
[34] Estes territórios, embora fizessem parte do reino de Nápoles, eram, à época, domínios espanhóis.

seus estudos, Valignano retornou a Chietti para receber a tonsura em maio de 1557, na catedral de Chietti. Segundo Carlos Alfredo Martínez Rodríguez, "Valignano recebeu a tonsura, não por vocação eclesiástica, mas como condição para poder receber o benefício da abadia de San Stefano del Casale"[35]. Em 1559, tornou-se cónego da catedral e, em 1561, abade de Sant'Antonio.

Em seguida, Valignano partiu para Roma, onde passou um bom tempo sob a proteção do Papa Pio IV e do cardeal Sittich von Hohenems (d'Altemps) buscando ascender em sua carreira. No ano de 1561, regressou à universidade, em Pádua, para continuar a sua formação acadêmica. No ano seguinte, 1562, envolveu-se em uma briga com uma vizinha e foi acusado de esfaqueá-la. Essa acusação, da qual Valignano mais tarde se declarou inocente no tribunal, o levou à prisão em Veneza, onde permaneceu por mais de um ano e meio até março de 1564[36].

Como resultado do arrependimento pelo referido episódio, Valignano pediu, em 1566, para ser admitido na Companhia de Jesus. Seu pedido foi aceito por Francisco Borja – Geral da Companhia – e Valignano professou o voto simples em 18 de maio de 1567. No ano seguinte, iniciou seus estudos no colégio Romano, onde passou 3 anos estudando filosofia e teologia[37].

Em 12 de fevereiro de 1570, Valignano fez a profissão dos três votos solenes requeridos para poder ser ordenado e, em março de 1570, foi ordenado sacerdote. Em 1572 o jesuíta foi nomeado reitor do colégio de Macerata, onde trabalhou durante um ano, após o qual manifestou o desejo de ir para as Índias como missionário[38]. O então Geral da Companhia de Jesus, Everardo Mercuriano, nomeou Alessandro Valignano como *Vizitador* das Índias Orientais e, em seguida, Valignano professou o quarto voto.

---

[35] RODRÍGUEZ, Carlos Alfredo Martínez. **Alessandro Valignano (1536-1606) e a missionação do Japão**: um projeto de inculturação. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019. p.36.

[36] ÜÇERLER, Murat Antoni Jonh. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer. **Renaissance Studies**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 337-366, set. 2003. p.338.

[37] ÜÇERLER, Murat Antoni Jonh. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer. **Renaissance Studies**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 337-366, set. 2003. p.338.

[38] RODRÍGUEZ, Carlos Alfredo Martínez. **Alessandro Valignano (1536-1606) e a missionação do Japão**: um projeto de inculturação. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019. p.37.

Em 1573 Valignano chega a Goa como a função de *Vizitador*, sendo tal cargo nomeado diretamente pelo Geral da Ordem, a fim de que ele o representasse em uma ou mais províncias. Logo, sua autoridade era plena, inclusive sobre os provinciais.

A VISITA DE VALIGNANO AO JAPÃO

Valignano chega ao Japão em julho de 1579, desembarcando no porto de Kochinotsu na ilha de Kyushu. Ao chegar ao arquipélago japonês, uma das primeiras ações de Valignano foi convocar Consultas – uma espécie de fórum de discussão entre os missionários[39]. O objetivo das Consultas era fornecer ao superior da missão, e neste caso específico o *Vizitador*, um quadro claro e detalhado da situação para que ele pudesse tomar as decisões relacionadas ao trabalho de indivíduos, bem como os objetivos que os jesuítas precisavam buscar como um grupo. Tendo em vista que a missão se encontrava espalhada por diferentes regiões do arquipélago japonês, as Consultas foram realizadas em 3 locais distintos, a fim de que a maioria dos jesuítas pudessem estar presente em pelo menos uma delas. Elas ocorreram em Usuki (Bungo) em outubro de 1580, Azuchi (Miyako) em julho de 1581 e Nagasaki (Shimo) em dezembro de 1581[40].

Como fruto das Consultas, Valignano escreveu as "*Resoluciones*". Estas, juntamente com as 21 perguntas discutidas nas Consultas "deveriam ser guardadas em todas as casas de padres e irmãos e as ordens obedecidas '*hasta que nuestro Padre General mande sobre ellas outra cosa*'"[41].

A partir das Consultas, Valignano passou a ter uma visão diferente sobre a missão católica no Japão. O *Vizitador* não concordava com a forma como Francisco Cabral estava conduzindo a missão e concluiu que muitos dos problemas existentes na missão católica japonesa resultavam das decisões tomadas por Cabral. Em uma correspondência enviada para o padre Geral da Companhia de Jesus, Claudio Acquaviva, Valignano aponta 7

[39] ÜÇERLER, Murat Antoni Jonh. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer. **Renaissance Studies**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 337-366, set. 2003. p.359.
[40] BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.81.
[41] BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.81.

princípios seguidos por Cabral que teriam ocasionado os problemas identificados pelo *Vizitador*[42]. Segundo Murat Antoni Jonh Üçerler,

> first, Cabral's adherence to strict disciplinarian methods, based on the belief that the Japanese brothers should be treated harshly, 'with an iron hand with blows and harsh words' ('in virga ferrea con açotes y palabras duras'); secondly, his belief that the Japanese and the Portuguese should always be treated differently; thirdly, his insistence that the Japanese should accommodate themselves to the foreigners and not vice versa; fourthly, Cabral's continuous criticism of Japanese customs; fifthly, his conviction that, in order to ensure that the Japanese should not lose respect for their Euro pean superiors, they should not be taught either Latin or Portuguese or any other academic disciplines; sixthly, his refusal to establish seminaries or colleges where the Japanese could be trained for the priesthood; and finally, his opinion that the missionaries need not waste time learning the Japanese language except for the bare rudiments required for survival in the country[43].

Os conflitos entre Cabral e Valignano culminaram na remoção de Cabral de seu posto como chefe da missão católica no Japão. A saída de Cabral se daria alegadamente em razão dos problemas de saúde enfrentados pelo missionário. Logo, o jesuíta pediu a Valignano para deixar a chefia da missão e o *Vizitador* colocou o padre Gaspar Coelho em seu lugar. Apesar dos problemas de saúde, "Cabral ainda viveu por um bom tempo desempenhando cargos de importância na Companhia. Fica claro, portanto, que a provável razão de sua saída do Japão foi seu antagonismo com Valignano"[44].

VALIGNANO E A POLÍTICA DA ACOMODAÇÃO

A principal estratégia defendida por Valignano para a missão católica no Japão era a "*accomodatio*" ou "acomodação". Esta consistia na adaptação dos jesuítas aos costumes locais a fim facilitar a conversão dos japoneses ao cristianismo. Tal método, segundo Renata Cabral Bernabé, não era uma completa novidade, visto que este já era utilizado e defendido em graus diferentes pelos líderes da missão católica no Japão[45]. No entanto, foi Valignano o responsável por sistematizar a acomodação em suas obras – "Consulta de Japón e sus Resoluciones" e "Sumario de las Cosas de Japon,"[46].

---

[42] ÜÇERLER, Murat Antoni Jonh. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer. **Renaissance Studies**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 337-366, set. 2003. p.360

[43] Ibid., p.360-361.

[44] BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.85.

[45] Ibid., p.94.

[46] Ibid., p.94-94.

Valignano tinha várias justificativas para a adoção da acomodação, sendo interessante destacarmos a grande importância dada à missão japonesa por Valignano. O *Vizitador* acreditava que os japoneses poderiam ser tão civilizados e racionais quanto os europeus. Consequentemente, os japoneses seriam excelentes cristãos e, tendo em vista o grande potencial dos japoneses como bons cristãos, era de extrema importância assegurar o melhor andamento possível da missão católica no Japão. Para tal, era de extrema importância que os padres se acomodassem aos costumes locais[47]. Também levando em consideração a ideia dos jesuítas de que os japoneses eram pessoas racionais e civilizadas, não seria possível usar as estratégias empregas nas sociedades compostas por "selvagens"[48]. Logo, a acomodação era uma estratégia com fins pragmáticos.

A acomodação aos costumes dos japoneses também era justificada por Valignano a partir da ideia de que estes hábitos "tratavam-se apenas de práticas civis e, portanto [...], o Visitador acreditava que não poderiam ser impostas aos nativos, mudanças no tocante a esses costumes"[49]. Por fim, todo o cuidado de Valignano com os métodos empregados na evangelização e com o perfil dos missionários da missão japonesa,

> [...] baseavam-se em um argumento essencial para rebater as diversas críticas que seus opositores lhe fizeram: a ausência de milagres. Mesmo que a doutrina cristã fosse a única Verdade para todos, os pagãos não seriam facilmente convencidos disto pois Deus não mais se comunicava através de milagres, como o fizera na Igreja primitiva. Assim, os missionários precisariam de destreza e prudência para convencer os nativos a largarem suas crenças antigas e abraçarem o cristianismo[50].

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA MISSÃO CATÓLICA NO JAPÃO

A ação dos missionários no Japão não aconteceu sem que estes tivessem que enfrentar diversas dificuldades, tais como as diferenças culturais e linguísticas, a falta de recursos financeiros, a pequena quantidade de religiosos europeus dispostos a se deslocar para o arquipélago, as perseguições e inseguranças geradas pelo contexto político em que o Japão se encontrava e a resistência da população nativa à conversão.

---

[47] BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.97-98.

[48] BERNABÉ, Renata Cabral. The beginning of the dispute between Jesuits and Franciscans in Japan. **Eastern Asian Studies**, Yerevan, v. 3, p. 5-27, 2018. p.18.

[49] BERNABÉ, op. cit., p.97.

[50] Ibid., p.99.

Como já foi mencionado anteriormente, os jesuítas adotaram diversas estratégias para contornar as adversidades encontradas em seu caminho, especialmente, em relação às diferenças culturais e linguísticas existentes entre os missionários e a população nativa. Tais ações possibilitaram um grande crescimento do número de conversões feitas pelos jesuítas, entretanto, a conversão dos japoneses não foi um sucesso absoluto e "completo", visto que muitos resistiram à conversão e aqueles que se converteram não abandonaram valores e costumes tradicionais, como é o caso do *daimyō* Ouchi Yoshitaka que realizou o *Seppuku*[51], prática condenada pela concepção católica segundo a qual aquele que cometesse suicídio jamais obteria a misericórdia divina[52].

Além das dificuldades relacionadas à diferença cultural e linguística, o processo de evangelização no Japão ocorreu dentro de um contexto de muitos conflitos, fato que afetou diretamente a ação dos missionários. De acordo com Ana Fernandes Pinto,

> only the protection by local authorities, allowed by the establishment of cordial diplomatic relations with the government elites, could provide the safety for free circulation and protection from the risks that the Jesuits faced daily. This precariousness occurred, on one hand, due to the absence of institutional protection, either by the Crown or by a local Portuguese community, as happened in Macao, and on the other hand, by the fact of preaching a religion that constituted an insult to local religious beliefs[53].

Ademais das frequentes ameaças derivadas do contexto de instabilidade política vivido pelo Japão, os jesuítas também se depararam com ameaças constantes de *bonzos* – sacerdotes japoneses budistas – que eram contrários à ação dos inacianos. Estes consideravam o cristianismo como um obstáculo à expansão do budismo. O mesmo também pode ser dito pelo lado oposto, uma vez que os jesuítas viam os bonzos como empecilhos à difusão do evangelho no arquipélago japonês.

Por fim, outra grande dificuldade foi a falta de apoio financeiro das monarquias europeias e de Roma para a missão católica no Japão. Esta foi uma grande preocupação dos missionários, constatada em diversas correspondências enviadas para a Europa. A

---

[51] Ritual específico do *Bushido* que envolvia a prática do suicídio com a finalidade de recuperar a honra do guerreiro.
[52] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Jesuítas e Daimyôs: evangelização e poder político no Japão do século XVI. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. L.], v. 4, n. 10, p. 299-314, maio 2011. p. 212.
[53] PINTO, Ana Fernandes. Japanese elites as seen by Jesuit Missionaries: perceptions of social and political inequality among the elites. **Bulletin of Portuguese**: Japanese Studies, Lisboa, n. 1, p. 29-43, out. 2000. p.30.

falta de recursos materiais e o pequeno contingente de religiosos europeus atuando no Japão eram preocupações constantes dos jesuítas no arquipélago japonês.

CAPÍTULO 2: A MISSÃO TENSHŌ

A EMBAIXADA JAPONESA

Buscando solucionar as diversas dificuldades enfrentadas pela missão japonesa, Alessandro Valignano iniciou o projeto da primeira embaixada japonesa na Europa, conhecida como Missão Tenshō[54].

Desde o início, um dos maiores problemas dentre os enfrentados pela Igreja no Japão foi a falta de financiamento adequado para sustentar o trabalho apostólico realizado pelos missionários. Segundo Cooper,

> Christian daimyo appeared to be wealthy, but had little cash to spare to subsidize missionary activity, for, in accordance with the Japanese politico-economic system of those times, much of their income was used up in sustaining their many retainers. Further, presenting costly gifts on each visit to these and other daimyo was a continual drain on mission resources[55].

Em razão da grande distância entre o Japão e a Europa, os fundos prometidos eram frequentemente atrasados ou nunca chegavam ao seu destino final. Diferentemente das missões localizadas em outras áreas do globo, como América e África, a missão católica no Japão não estava estabelecida em um território colonizado por Portugal ou Espanha. Consequentemente, não houve um financiamento da ação missionária no arquipélago por parte das coroas ibéricas e os missionários muitas vezes contavam apenas com suas alianças com governantes locais, os *daimyō*, para protegê-los – tendo em vista o contexto de conflitos internos em que o Japão se encontrava.

Para cobrir os gastos da missão católica japonesa, os jesuítas se envolveram diretamente com o comércio praticado entre europeus e japoneses. Segundo Cooper,

> Canon law forbade clerics to engage in trade, for commercial and competitive transactions were considered unbecoming for the clergy. But the mission's financial problems obliged the Jesuits to seek and obtain special exemption from Rome for a

[54] A missão recebe o nome de Tenshō por ter sido realizada durante a era de mesmo nome. Esta tem duração entre os anos de 1573 a 1591.
[55] COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: The Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy**, [s.l.]: Brill, 2005. p.6.

> limited participation in the silk trade. Nobody was happy about this arrangement, but the Jesuit superiors could find no other source of income to finance their work[56].

O período da primeira estada de Valignano no Japão foi o ápice da missão iniciada por Francisco Xavier três décadas antes. Houve um enorme crescimento da missão, visto que, ao todo, havia cerca de 150.000 cristãos no Japão na época da partida de Valignano, e cerca de duzentas igrejas católicas. Valignano também estabeleceu dois seminários – um em Azuchi e o outro em Arima – um colégio em Usuki e um Noviciado em Funai, sendo estes destinados à educação de jovens japoneses. O crescimento da missão católica e os avanços estabelecidos por Valignano, aumentaram os custos da missão no Japão e, consequentemente,

> […] Valignano needed funds. He knew that he could not raise them in Japan itself, as even the most prominent Japanese Christian lords, far from being owners of full and open purses, were hard pressed to maintain themselves in an era of constant internecine warfare (VALIGNANO 1583, fol. 53, para. 24). Indeed, some of them were financial liabilities, counting as they did on the Jesuits for various forms of assistance. So Valignano would have to get the funds in Europe. In order to do so, he would have to attract the attention and the sympathy of the European mighty to Japan. He would have to persuade them of the value of the Jesuits' Japanese venture[57].

Ainda que a atuação dos jesuítas no comércio ajudasse a custear a ação missionária, esta não era suficiente para sanar todos os problemas financeiros enfrentados pelos jesuítas. Valignano, portanto, propõe a Missão Tenshō como solução para a questão financeira da missão jesuíta, visto que ele acreditava que se a missão japonesa fosse mais bem conhecida seria possível atrair mais recursos para ela.

Além de seu obtivo central – solucionar a falta de financiamento da missão católica no Japão – a primeira embaixada japonesa também cumpria outros propósitos. Para Alessandro Valignano a embaixada tinha também como objetivo conscientizar as elites clericais e seculares da Europa sobre o Japão, demonstrando, através da presença de jovens tão nobres e refinados, que o que os jesuítas escreveram sobre o Japão – sendo

---

[56] COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: The Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy**, [s.l.]: Brill, 2005. p.7.

[57]ELISONAS, Jurgis Saulius Algirdas. Journey to the west. **Japanese Journal of Religious Studies**, Nagoya, v. 34, n. 1, p. 27-66, jan. 2007. p.32.

alguns desses escritos publicados e em circulação por quase trinta anos – não eram invenções ou mentiras[58]. Segundo Jurgis S.A. Elisonas,

> The Jesuits were not unappreciative of the virtues of publicity and far from inexperienced in its uses. The imaginatively written and widely published letters from the toilers in their outlandish mission fields had by then gained them an extensive readership and considerable celebrity in Europe. Valignano, however, projected an even more effective dimension of propaganda. He would go the printed word one better. He would arrange to send a 'living epistle', 'carta viva', to Europe from Japan[59].

Valignano também buscava impressionar os jovens japoneses incluídos na embaixada, visto que os japoneses não viam os estrangeiros europeus como iguais, ou seja, consideravam os estrangeiros como inferiores. Segundo Judith C. Brown, "The very fact that European travelers ventured so far and braved such dangers to reach the shores of Japan indicated to the Japanese that Europeans were surely trying to escape a dreadful place"[60]. Consequentemente, a Missão Tenshō teria sido criada objetivando também a mudança da imagem dos europeus na sociedade japonesa. A viagem à Europa possibilitaria que os jovens japoneses presenciassem a grandeza da Igreja Católica e a riqueza e o esplendor dos reinos europeus e suas cidades, de modo que ao retornar ao Japão, poderiam prover testemunhos sobre sua experiência positiva na Europa. De acordo com Derek Massarella,

> Valignano insisted on this because the Japanese knew nothing concrete about Europe and tended to see the missionaries as materially poor and socially inferior individuals who had come to Japan ostensibly to preach about Deus but in reality to make their fortune. It was imperative, therefore, that the boys be treated properly, befitting their high status, and given every opportunity to see the churches, ecclesiastical palaces, gardens and other riches of the church. The trip was to be edifying[61].

Tal questão pode ser constatada no primeiro capítulo do "Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582" intitulado "De como se ordenou a Embaixada dos Senhores Japões para a Europa e de sua partida para a China".

---

[58] MASSARELLA, Derek, Envoys and Illusions: The Japanese Embassy to Europe, 1582-90, "De Missione Legatorvm Iaponensium", and the Portuguese Viceregal Embassy to Toyotomi Hideyoshi, 1591, **Journal of the Royal Asiatic Society, Third Series**, v. 15, n. 3, p. 329–350, 2005. p.331.

[59] ELISONAS, Jurgis Saulius Algirdas. Journey to the west. **Japanese Journal Of Religious Studies**, Nagoya, v. 34, n. 1, p. 27-66, jan. 2007. p.32.

[60] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994.

[61] MASSARELLA, op. cit., p.331.

O capítulo apresenta quatro motivações para a criação da Missão Tenshō e, dentre estas, destacamos a segunda:

> A segunda ; porque como os Japões vivem em tão remotas, e distantes Ilhas, e carecerem do commercio de Europa, e os Reys, e Principes que se fazem Christãos não tem outra noticia do que lá passa que o que os Padres lhes tem declarado; parecia necessario, e ainda muy importante para se mais radicar sua fé, e confirmar a grande opinião, e conceito, q tem da Sede Apostolica, que algũs Japoõs nobres pessoalmente fossem ver a eminencia em que está constituido o Vigario de Deos Nosso Senhor na terra; o Estado, e soberana grandeza da Igreja Catholica; a veneração, pompa, e apparato com que são tratadas as couzas do culto divino; a magnificencia, e nobreza dos Reys, e Principes Christãos; a sumptuozidade dos edificios; o valor, e preciozidade de suas riquezas, estados, passos, e cidades; o grande numero, que lá ha de Religiões, e a santidade, e perfeição em que vivem; para que elles como testemunhas de vista as podessem referir por extenso aos seos Naturaes, o que lhe seria mais aceito, e indubitavel, que recitado pelos mesmos Padres de Europa, que são partes na mesma materia[62].

OS PREPARATIVOS PARA A MISSÃO

A embaixada teve o apoio inicial de Oda Nobunaga e foi impulsionada por três *daimyō* católicos: Ōmura Sumitada (batizado como Bartolomeu em 1563), Arima Harunobu (batizado como Protazio em 1579) e Ōtomo Yoshige (batizado como Francisco em 1578)[63] – sendo o último o mais poderoso entre os três. Estes enviaram para a Europa quatro jovens embaixadores: Mancio Itō, Miguel Chijiwa, Martin Hara e Julião Nakamura. Nascido em 1569, Mancio Itō era neto de Itō Yoshisuke, *daimyō* de Hyūga, e representava Ōtomo Yoshige em razão de seu parentesco com o *daimyō* – ambos eram ligados pelo avô de Mancio Itō. Os outros dois *daimyō*, Ōmura Sumitada e Arima Harunobu, foram ambos representados por Miguel Chijiwa. Nascido em Arima em 1567, Miguel era sobrinho de Ōmura Sumitada e primo em segundo grau de Arima Harunobu. Segundo Luís Frois, em seu escrito denominado "Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582", optou-se pelo envio dos jovens japoneses em razão da impossibilidade dos *daimyō* deixarem suas terras por um longo período de tempo. Pode-se observar tal questão no seguinte trecho:

> E supposto que pelos muitos, e frequentes guerras, que ha em Japão, elles [os *daimyō*] pessoalmente não podião por tantos annos, como no caminho se havião de gastar, deixar seos Reynos, e terras, ao menos dezejavão mandar quem nas pessoas lhes não fossem inferior, e quem no sangue lhes fossem muito propinquos; el Rey Francisco, alem do

[62] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.9.

[63] COOPER, MICHAEL, **The Japanese mission to Europe**, 1582-1590: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.13.

> Principe herdeiro dos Reynos, que ja governava, tinha outros dous filhos mossos, mas pela urgente necessidade das guerras, cada hum delles estava em sua fortaleza metido fronteiras dos inimigos; Dom Bartholomeu tinha filhos, mas erão crianças, tambem no mesmo tempo estava opprimido de hum grande inimigo seo vizinho; Dom Protazio por ser mancebo não, tinha ainda filho, Nem filha: pelo q pareceo bem a el Rey Francisco mandar a Dom Mancio seo sobrinho filho de hu'a irmã del Rey de Fiunga; e Dom Protazio mandou a Dom Miguel filho de hum seo tio Senhor de Chigiwa; e Dom Bartholomeu acrescentou a Dom Miguel tambem seo sobrinho outros dous parentes seos fidalgos de sua caza, hum por nome Dom Martinho, e outro Dom Julião; e por escuzar a pompa, e gente , que era necessaria que os acompanhasse nesta tam comprida, e prolongada viagem [...][64].

Além dos representantes diretos dos *daimyō*, foram enviados também Martin Hara e Julião Nakamura. Estes foram escolhidos para se juntar à delegação de Valignano em razão de suas pequenas ligações com Ōmura Sumitada. Segundo Cooper, "only Mancio and Michael were the official legates of the daimyo, and on formal occasions it was they who took precedence, delivered speeches and presented letters from Japan"[65], entretanto, nas atividades diárias não havia diferenças entre os quatro jovens. Em casos de imprevisto e ausência de um dos representantes – Mancio ou Miguel – era possível que os outros dois jovens os substituíssem[66].

É interessante salientarmos que a escolha pelos jovens japoneses também foi feita tendo em vista os objetivos de Valignano para a embaixada. Uma vez que o *Vizitador* buscava criar uma visão positiva da Europa para os japoneses, por se tratarem de jovens, seria mais fácil impressioná-los e supervisioná-los, em comparação com adultos – estes teriam personalidades bem formadas e possivelmente menos moldáveis. Também por serem jovens, os embaixadores viveriam mais tempo para contar a história de sua permanência na Europa aos seus compatriotas, atingindo, portanto, um dos propósitos da Missão Tenshō[67].

Outro fator muito importante para a escolha dos jovens japoneses era o fato dos jovens serem alunos do seminário de Arima – aberto pelos jesuítas no final de 1580 – ou

---

[64] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.10-11.

[65] COOPER, Michael. **The Japanese mission to Europe**, 1582-1590: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.17.

[66] *Ibid*. p.17-18.

[67] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.L.], v. 47, n. 4, p. 872-906, 1994. Cambridge University Press (CUP). http://dx.doi.org/10.2307/2863218. p.875.

seja, eles já estavam convertidos ao cristianismo e familiarizados com alguns costumes europeus[68]. A vida cotidiana no seminário jesuíta onde viviam incluía práticas japonesas e europeias, logo os jovens já estariam, de certa forma, familiarizados com muitos hábitos e diferenças culturais que possivelmente encontrariam ao longo da viagem

Por fim, outro ponto muito relevante para a seleção feita por Valignano foi a condição de "nobreza" dos jovens japoneses. A condição de "nobreza" daria à viagem maior status tanto na Europa quanto no Japão. De acordo com Jurgis S.A. Elisonas,

> Valignano's plan was to parade living examples of Jesuit success in the Christianization of Japan through Catholic Europe. He knew that a demonstration of influence attained among the Japanese ruling classes was an important if not indispensable part of the presentation of that image of success, and he fully intended to have his specimens subjected to inspection in the highest of European circles[69].

Por essas razões, Valignano dificilmente poderia escolher convertidos "comuns" para fazer a viagem. Ele precisava de exemplares da "nobreza", a fim de assegurar seus objetivos para a embaixada. Na prática, tendo em mente que a organização social japonesa não se assemelhava à europeia, a "nobreza" que Valignano conseguiu para a Missão foram os jovens ligados aos *daimyō* católicos.

Em relação à comitiva que seguiria junto aos embaixadores, Valignano esperava acompanha-los à Europa e relatar pessoalmente ao jesuíta superior geral, Claudio Acquaviva, o estado da missão da Sociedade na Ásia, especialmente no Japão. Ao chegar à Índia, no entanto, Valignano recebeu instruções de Acquaviva ordenando que ele permanecesse na Ásia como provincial. Em razão de sua permanência em Goa, Valignano encarregou o padre Nuño Rodrigues com a tarefa de acompanhar os jovens japoneses, levar suas cartas e registros à Europa e entregar algumas cartas dos *daimyō* para o Papa em Roma. Juntamente a Rodrigues estavam também o jesuíta Diogo de Mesquita, Jorge de Loyola – um japonês convertido – e dois serventes japoneses, Constantino Dourado e Agostinho.

---

[68] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.L.], v. 47, n. 4, p. 872-906, 1994. Cambridge University Press (CUP). http://dx.doi.org/10.2307/2863218. p.876.

[69] ELISONAS, Jurgis Saulius Algirdas. Journey to the west. **Japanese Journal Of Religious Studies**, Nagoya, v. 34, n. 1, p. 27-66, jan. 2007. p.32.

A delegação de Valignano era de fato pequena, porém essa seria uma escolha proposital de Valignano. Apesar de ser nomeada como embaixada, a Missão Tenshō não pode ser de fato entendida como uma embaixada no senso usual do termo – representação de um governo ou chefe de Estado. Segundo Michael Cooper,

> Valignano did not, of course, have the authority to organize a national embassy, and in any case Japan did not possess a central government at that time to be represented. Instead, he would settle for a less ambitious project and lead a small legation on behalf of the three Christian daimyo of Kyushu[70].

Os jovens japoneses enviados à Europa, apesar de serem chamados de embaixadores, não exerceram um papel diplomático ou político. A viagem feita à Europa assume um caráter edificante, sendo possível constatar tal questão nas cartas escritas pelos *daimyō* católicos. As cartas presentes no "Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582" são destinadas ao Papa e ao Rei de Portugal – Dom Henrique I – e nelas observa-se a presença da questão religiosa – conversão ao cristianismo – e a justificativa para a não vinda dos *daimyō* à Europa. Para exemplificar tal questão, citamos um trecho da carta de Ōmura Sumitada enviada ao Papa Gregório XIII e a carta de Ōtomo Yoshige endereçada à Filipe II:

> **Copia de hua carta de Dom Bartholomeu para sua Santidade.**
>
> Ainda que seja atrevimento, com tudo co' a graça do Senhor humildemente offereço á Vossa Santidade esta ignorante carta. Por quanto Vossa Santidade está em lugar de Deos no mundo e juntamente por Santo Mestre, e Doutor de toda a Christandade, pelo qual passando eu em pessoa os mares havia de hir lá a beijar, e pór a cabeça debaixo dos pés de Vossa Santidade; mas por ter tantas ocupaçoens que me estorvão, Não o faço; assim que agora Nestes tempos Veio á estas terras tão remotas para Vizitalas o Padre Vizitador da Companhia de JESUS , e com Sua Vinda depoes de haver ordenado Muitas Couzas dignas de Muitos agradecimentos , Se torna para Seos Reynos , e com esta boa ocasião Vay em sua Companhia Dom Miguel meo sobrinho Senhor de Chingiwa; e posto que nem elle , nem eu temos merecimentos para fazer esta Viagem, nem atrevermos a chegar aos pés de V. Santidade, o qual fora para mim couza de grande agradecimento, e obrigação, rogo á V. Santidade humildemente se queira lembrar daqui por diante desta terra, e nova Christandade, e juntamente de mim, e fora disto não tenho desejo de outra couza alguma[71].

> **Carta, que el Rey Francisco de Bungo escreveo a el Rey de Hespanha D. Felippe, traduzida em Portuguez.**

[70] COOPER, Michael. **The Japanese mission to Europe**, 1582-1590: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.12.
[71] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.149.

> Com a graça do Senhor escrevo á Vossa Real Magestade. Pelos P.es da Comp.a de JESUS, que nestes Reinos ensinão a doutrina da verdade, muitas vezes ouvi as couzas de V. Mag.e, e seos Reinos, pela dificuldade da navegação, e largo caminho athe agora não comuniquei co' V. Mag.e : O Padre Vizitador veio vizitar esta Xptand.e de Japão, e em dous annos, que por cá esteve não se pode dizer quanta consolação recebem os co' sua presença; e boa ordé ; e quanto á my não posso encarecer a grande misericordia que recebi do Alto Deos dos Ceos, ordenando que eu recebesse Sua Santa Ley, e doutrina. Eu tenho determinado de mandar meo sobrinho Ito Dom Geronimo de Fiunga a beijar o pé de S. Santidade, e juntamente a Vizitar V. Mag.e, mas por estar no Miaco não pode ser; todavia mando meu primo D. Mancio de Fiunga, o qual vai em Companhia do Padre Vizitador; peço muito a V. Mag.e que em todo o queira favorecer, e juntamente daqui por diante a esta Christandade de Japão, e a mim. As mais couzas destas partes o Padre Vizitador, e D. Mancio as dirão á V. Mag.e, a quem co' amor peço os ouça.
>
> Aos onze de janeiro de 1582. O Sobrescrito diz. Offereçoa ao Santissimo e grande Rey Dom Felippe.
>
> Francisco de Bungo.[72]

Toda a missão jesuíta no Japão foi organizada de modo que os jesuítas estivessem em constante comunicação entre si, no arquipélago, como também com seus superiores em Roma e com o povo europeu, através de cartas. As cartas eram escritas de diferentes formas, a depender do destinatário da correspondência. Caso fossem para seus superiores, as cartas deveriam ser mais informativas do que edificantes, relatando o andamento das missões e suas dificuldades e avanços. De forma oposta, nas cartas destinadas a população geral "se produzia a imagem da Companhia para provocar edificação e apoio"[73]. Essas cartas escritas pelos *daimyō* católicos são um grande exemplo dos escritos que visavam a edificação, pois apresentavam apenas interesses dos *daimyō* relacionados à religião, fato que evidenciava também os objetivos da Missão Tenshō.

Por fim, nas cartas enviadas à Europa não são mencionados interesses políticos ou econômicos. A Embaixada Tenshō também viajou em navios portugueses em rotas marítimas portuguesas estabelecidas e, portanto, não postulou uma nova relação comercial entre o Japão e Portugal[74]. Tais questões demonstram novamente o caráter edificante da Missão Tenshō – um dos objetivos de Valignano para a legação japonesa.

---

[72] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.32.

[73] LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32, jul. 2002. p.19.

[74] BATTS, Joshua. **Circling the Waters**: the keicho embassy and japanese-spanish relations in the early seventeenth century. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Columbia University, Nova York, 2017. p.273.

A RECEPÇÃO DA EMBAIXADA NA EUROPA

A recepção dos jovens japoneses, embora sempre positiva, ocorreu de formas diferentes por onde passaram. Sua primeira recepção na Europa ocorreu em Lisboa de forma muito discreta. A Missão Tenshō chega à Cascaes – o porto de Lisboa – em 10 de agosto de 1584 e, após desembarcarem, foram conduzidos à residência jesuítica e à igreja de São Roque, onde foram recebidos cordialmente pela comunidade.

É interessante notarmos que não houve um grande espanto ou fascínio pelos japoneses em sua primeira recepção. Tal questão se deve em parte às instruções feitas por Valignano para a recepção dos embaixadores – este ordenou que a legação fosse conduzida com certa moderação – e também pelo fato de serem "relatively unnoticed as 'exotics'"[75]. Os japoneses foram vistos dessa maneira, inicialmente, em razão da familiaridade da população de Lisboa com populações "exóticas". Luís Fróis apresenta tal questão no seguinte trecho: "Nesta vizita, q fez ao Cardeal, não houve muito concurso de gente, que os viesse a ver, como nas outras partes; porque como Lixboa está acostumada a ver diversas nasções da India, e por haver nella tanto concurso de gente, não se atenta pelas couzas novas tanto em particular"[76].

Outra questão que também contribuiu para a pequena recepção dos jovens japoneses foi a proximidade de costumes adotados pelos emissários, visto que os jovens eram educados em um dos seminários dos jesuítas no Japão. Segundo Judith C. Brown,

> […] there are other elements that contributed to the lack of wonder about the Japanese arrivals. The emissaries were dressed in European clothes; by the time they reached Lisbon, they could make themselves understood in Portuguese, although they relied on Father Diogo de Mesquita and others to act as translators on official occasions. They also knew some Latin, which they had begun to learn at the Arima seminary, and which they continued to study during their trip. Their manners, which were greeted with admiration everywhere for their exceeding refinement, were not just the unfailingly polite manners that Valignano had observed of the Japanese in their native land; they were the manners of Japanese who had been taught what the Europeans considered desirable in polite society. If then they aroused little attention in Lisbon, it was not just

[75] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994. p.877.
[76] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.32.

> because Africans, Asians, and others were a common sight but also because Europeans could see the emissaries as extensions of themselves rather than as Others[77].

É interessante notarmos a forma como os embaixadores foram vistos pelos europeus. Em diversas correspondências enviadas do Japão para a Europa é possível notarmos a criação de uma imagem positiva dos japoneses pelos jesuítas, uma vez que eles eram vistos com um grande potencial para a cristianização. No caso específico de muitos dos europeus que os observaram na Europa, houve a minimização das diferenças entre aqueles asiáticos e os europeus, da mesma forma como minimizaram as diferenças entre os próprios japoneses. Tais propensões podem ser constatas nos retratos europeus existentes dos quatro jovens. Citamos como exemplo os retratos produzidos por Urbano Monte[78] (Figuras 1 a 5) e nas imagens presentes em uma folha volante alemã impressa em 1586 (Figura 6).

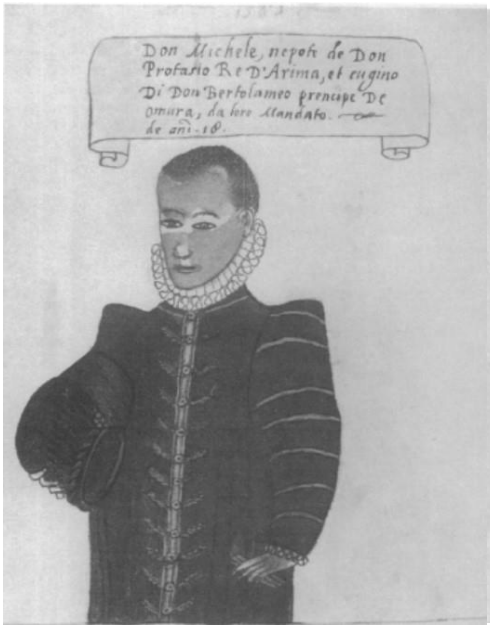


Figura 1 - Miguel Chijiwa

Figura 2 - Julião Nakamura

[77] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994. p. 878.
[78] Urbano Monti foi um cartógrafo italiano.

Figura 3 - Mancio Itō

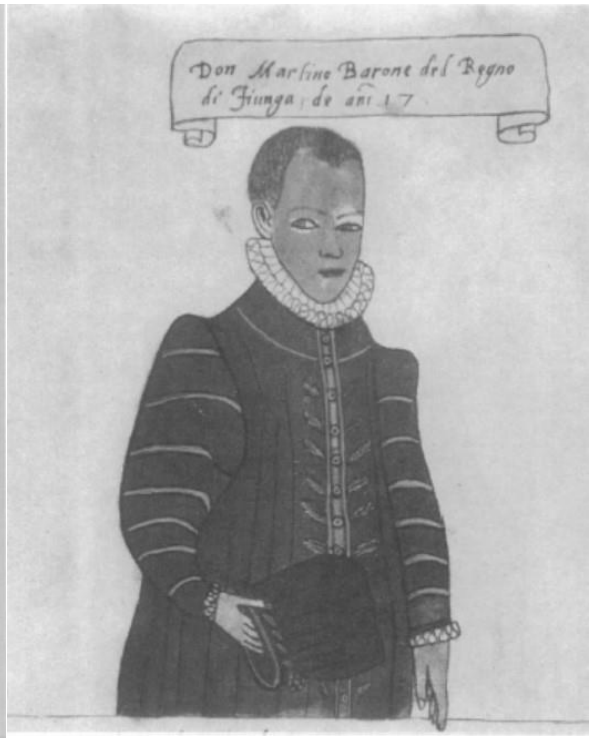


Figura 4 - Martin Hara

Figura 5 – Padre Diogo de Mesquita

Figura 6 – jovens embaixadores japoneses e padre Diogo de Mesquita

Nestas imagens podemos notar que os jovens japoneses são apresentados sem muita diferença entre si – de modo a aparentarem ser "todos iguais" – e também como versões minimamente alteradas dos europeus. Todos vestem roupas europeias e, embora seus olhos sejam menos arredondados do que os de seus anfitriões, o resto de suas características – o formato do rosto, nariz, lábios e penteado – são praticamente europeus. Por fim, podemos comparar a imagem dos embaixadores com a imagem do Padre Diogo de Mesquita e é possível constatar que suas fisionomias são apresentadas de forma muito semelhantes entre si. Tal visão fica ainda mais evidente no quadro pintado por Domenico Tintoretto[79] (Figura 7):

[79] Domenico Robusti, também conhecido como Domenico de Tintoretto, foi um pintor italiano de Veneza.

Figura 7 – Mancio Itō

A obra encomendada durante a passagens dos jovens embaixadores por Veneza, retrata Mancio Itō de uma forma europeizada, e suas características que o diferenciavam dos europeus são basicamente apagadas.

Após a recepção em Lisboa, os embaixadores seguiram em direção a Madri, passando por Évora, Vila Viçosa e Toledo. Em todas as paradas, os meninos foram bem recebidos pelas autoridades locais. Após a chegada dos jovens a Madri, a intensidade do interesse pelos meninos começou a aumentar. Segundo Judith C. Brown,

> Once it was made safe, the exotic could be incorporated into a theater of public power where official receptions and triumphal processions served more to display the strength of European culture, religion, and political institutions than to quench the curiosity of onlookers about the Japanese. Almost everywhere they went after their first official greeting-at the court of Philip II, at Pisa, Florence, Rome and Venice-the emissaries were met with enormous pomp and lavish public observances where they were paraded for public view. It is this aspect of their visit that has drawn the greatest attention and has implicitly advanced the notion that what drew Europeans to these events was the fascination with travelers from distant and exotic lands[80].

A recepção dos jovens japoneses por Filipe II se deu de forma grandiosa, fato constatado no seguinte trecho:

> Mandou lhe sua Magestade dous coches ricamente preparados com suas almofadas de veludo dentro, em que fossem, com algúa gente de guarda sua, que os acompanhas se: eles se vestirão ao modo Japão com suas catanas, tabis, e Xiquires calçados; e posto que não houve particular acompanhamento de gente, conforme a ordem, que sua Magestade tinha dado; todavia foi tanto o concurso da gente de pé, e de cavalo, que hião de traz, e ao redor dos coches, que se não podia buscar mais acompanhamento. Sahirão de caza as 3 horas depoes do meio dia; [...] e ao sahir dos coches no paço era tanta a Multidão, e concurso de gente de todo genero, que se ajuntava para os ver, que não poderam entrar no paço por estarem apertados, e haver ja pedaço que el Rey os esperava, foi necessário que Sebastião de Santayo principal da camara de sua Magestade desse recado aos sargentos da Guarda para que com ella acodissem abaixo a lhes fazer caminho[81].

É interessante notarmos que as recepções mudaram após o encontro com Filipe II. A Missão Tenshō passou a ser recebida com grandes espetáculos, visto que, assim que o rei Filipe II e também o Papa anunciaram que a embaixada receberia as mais altas honras, passou-se a enxergar a embaixada com um maior prestígio e relevância.

Após a estada dos embaixadores em Madri, estes seguiram em direção a Roma, passando por outras regiões da Espanha e Itália. A Missão Tenshō chega em Roma em 22 de abril de 1585 e é recepcionada pelo Papa Gregório XIII no dia seguinte. Esta recepção seria muito diferente da reunião privada arquitetada por Valignano, pois o Papa havia decidido realizar uma cerimônia pública em grande escala com a presença de dezenas de cardeais e bispos na sala Regia, onde reis e embaixadores eram normalmente recebidos. Tal questão pode ser constatada no seguinte trecho relatado por Fróis:

> Chegada a hora, e estando tudo prestes conforme ao costume Romano, comessarão a caminhar para o Paço de S. Pedro desta maneira, e sahirão acompanhados de tudo o que

---

[80] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994. p.885.

[81] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.30.

> em Roma os podia acompanhar co' tão solemnissima pompa, e apparato, que se affirmava haver sido dos mayores que nunca em Roma se fizerão. Hião no primeiro lugar, e diante de todos duas Companhias de cavalos ligeiros do Papa, nam armados co' lansas, mas vestidos co' suas libres co' a guarda dos Tudescos, e suas trombetas reaes, que de quando em quando tocavão muy sonoras. Depoes se seguirão as mulas dos Cardeaes ricamente ornadas de guarnições cubertas d'ouro, e as gualdrapas conforme ao tempo de pano morado, p que he de cor que os mesmos Cardeaes vestem na Queresma, e no Advento, em cada hu'as dellas hia hum criado do Cardeal co' capelo vermelho lansado sobre os hombros, as quaes erão tantas, quantos são os Cardeaes que em Roma se achavão, e assim como hião juntas , e ordenadas com grande quietação , e authoridade, assim cauzarão hu'a gracioza, e aprazível vista. A traz se seguião as familias dos Cardeaes, porque cada hum delles mandava sua familia co' a mula, e cada hum delles tinha feito já seu parlamento, e offerecimento da parte dos Cardeaes Seos Senhores. Vinhão a traz as familias dos Embaixadores que rezidem na Corte Romana. Seguiãose Mais os Camareiros do Papa, e os Escudeiros, e todos os mais Officiaes do Sacro Palacio, com seos vestidos, e roupetas vermelhas por ordem. Depoes destes os Clerigos da Camara de Sua Santidade. Seguiãose mais toda a Cavallaria Romana, que facilmente se pode congeiturar quanta seria em tempo, e dia, que só a curiozidade tinha revolta todo Roma co' dezejos de ver Principes de tão pouca idade virem detão alongadas, e peregrinas terras. Acabada a Cavallaria vinhão treze tambores, ainda que somente os nove soavão, por ser tanta a multidão da gente que concorria e este novo espetaculo, que não podião sem difficuldade romper p ella [...][82].

Estas recepções grandiosas – feitas por Filipe II e pelo Papa Gregório XIII – se devem em grande parte ao momento muito oportuno em que a embaixada chega à Europa. Tendo conquistado Portugal e suas colônias, Filipe II almejava afirmar seu poder sobre seu império global e, certamente não prejudicaria seus objetivos receber emissários japoneses que estavam determinados a reconhecer publicamente que entre todos os reis e príncipes cristãos, ele era o mais eminente. Já em relação ao Papa, "forced by circumstance to accept a diminished Catholic sphere in Europe, he was eager to accept the homage and obedience of the Japanese emissaries and to display the triumph of Catholicism to the rest of the world"[83].

Por fim, em relação à recepção entusiástica feita pela população europeia é interessante notarmos a curiosidade despertada pelos jovens japoneses. Os europeus já tinham ouvido falar da misteriosa e remota ilha de Zipangu de Marco Polo, no outro lado do globo, bem como dos trabalhos heroicos de Francisco Xavier naquele arquipélago distante. Durante a passagem da Missão Tenshō foi possível ver com seus próprios olhos

---

[82] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.126.

[83] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994. p.888.

os “príncipes” daquela terra desconhecida. Entretanto, não era a primeira vez que um japonês havia ido à Europa. Bernardo de Kagoshima foi o primeiro japonês a visitar a Europa na década de 1550. Bernardo foi um dos primeiros convertidos de Xavier e “he was sent to Europe by the Jesuits to be an example of ‘the new and miraculous fruit of the Holy Church’ as well as to see Europe with his own eyes so that he might tell his countrymen about it upon his return to Japan”[84], no entanto, este não despertou a mesma curiosidade dos europeus. Então, como explicar a grande curiosidade despertada pelos jovens embaixadores japoneses?

Certamente o contexto em que foram apresentados foi de grande influência para a diferença das recepções, uma vez que Bernardo não era um representante de autoridades japonesas e também não foi ao encontro de dignitários europeus. Segundo Cooper, “[…] the popular enthusiasm for the legation would never have reached such heights had not European rulers, both ecclesiastical and secular, gone out of their way to honour the Japanese”[85].

Além do status dos jovens embaixadores e da Missão Tenshō, a maneira como os europeus viam os jovens japoneses foi essencial para a forma como foram recepcionados. Os meninos eram diferentes dos europeus – suas feições, cor da pele e corpo eram diferentes – logo eram o “outro”,

> But in many respects they were the non-Other as well. For the most part they wore European clothes, they spoke passable Portuguese, they studied Latin, they played European musical instruments, they appear to have been educated and well-mannered, […]. Savages from darkest Asia they were certainly not[86].

Tal semelhança com os europeus foi um dos principais fatores que desencadeou a curiosidade que moveu as recepções. Na realidade, o que os europeus “descobriram” com a primeira embaixada japonesa na Europa foi que “under the clothes and the body of the Japanese there seemed to beat the heart of a European courtier and the soul of a Christian”[87].

---

[84] BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994. p.886.
[85] COOPER, Michael. **The Japanese mission to Europe**, 1582-1590: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.167.
[86] Ibid., p.166.
[87] BROWN, op. cit., p.905.

CAPÍTULO 3 – A REPERCUSSÃO GERADA PELA MISSÃO TENSHŌ

O RETORNO DA EMBAIXADA AO JAPÃO

O retorno da Missão Tenshō ocorre em meio ao processo de expulsão dos jesuítas do Japão. No período em que a viagem à Europa aconteceu, houve diversas mudanças, tanto no Japão, quanto na própria Missão Tenshō. Os jovens japoneses não eram mais adolescentes e já não eram mais reconhecíveis por seus familiares. Ōtomo Yoshige e Ōmura Sumitada, dois dos três *daimyō* que representaram o Japão na Europa, morreram durante a ausência da embaixada. Além disso, Toyotomi Hideyoshi, iniciou uma perseguição anticristã, ordenando que os missionários deixassem o Japão.

Em 22 de abril de 1588, 6 anos após o início da Missão Tenshō e quase 2 anos após haver deixado a Europa com escala em Moçambique, os jovens japoneses deixaram a Índia, onde fizeram outra escala, e partiram em direção ao Japão acompanhados por uma delegação de 17 jesuítas, dentre estes, destacamos Alessandro Valignano. O então *Vizitador* segue para o Japão com o título de embaixador do vice-rei da Índia, levando consigo os presentes e cartas recebidas durante a sua estada em Goa, bem como durante as viagens da Missão Tenshō pela Europa, uma imprensa, e 2 dos quatro cavalos árabes que Valignano, planejava apresentar a Hideyoshi.

Chegando em Macau, a delegação de Valignano foi forçada a permanecer na região, pois a nau do trato portuguesa já havia partido para Nagasaki naquele ano. A estada forçada em Macau

> enabled the printing press to be put to good use, and two substantial volumes were produced, the first appearing in the same year as the party arrived at the port. It also gave the indefatigable Valignano time to compile the first draft of his Apologia in January 1598, and he later revised the text in Japan[88].

Finalmente, em 23 de junho de 1590, a comitiva de Valignano partiu de Macau na nau de Henrique da Costa em direção ao arquipélago Japonês e a comitiva de Valignano chega ao porto de Nagasaki em 21 de julho de 1590.

Ao chegar ao Japão, Valignano articulou um encontro com Hideyoshi e, enquanto aguardavam serem recebidos pelo Kanpaku[89], a missão Tenshō fez visitas de cortesia aos

[88] COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: The Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy**, [s.l.]: Brill, 2005. p. 151.
[89] Título conferido a **Toyotomi Hideyoshi** de Regente do Imperador.

daimyō dos territórios próximos de Ōmura e Arima. Durante esse período, os jovens embaixadores atraíram muita atenção da população local e foi possível que conversassem com japoneses, cristãos e não cristãos, sobre sua viagem à Europa. Nessas oportunidades foram exibidos alguns dos presentes recebidos pelos embaixadores, como pinturas, livros, mapas e moedas. Foi também durante o período de espera da Missão pelo seu encontro com Hideyoshi que

> the boys received a constant succession of distinguished visitors on their way to or from court to offer New Year congratulations to Hideyoshi. These included Mōri Terumoto (*daimyo* of Hiroshima and Yamaguchi), Kuroda Nagamasa (Fukuoka), and Sō Yoshitomo (Tsushima), and these lords conversed with the boys and listened appreciatively to their playing European music. As far as meeting influential people was concerned, the delay at Muro at that particular time of the year could not have been more providential[90].

Após o tempo de espera, a comitiva de Valignano encontrou-se com Toyotomi Hideyoshi em 3 de março de 1591. Tal encontro atraiu a atenção de muitos japoneses. Segundo Cooper, "as the cavalcade passed slowly through the streets of the capital, large crowds gathered to watch the unusual spectacle of a European procession. In fact, soldiers lining the route had to use force to push back the curious spectators in order to clear the way"[91].

Durante o encontro com Hideyoshi os jovens japoneses tocaram instrumentos musicais aprendidos na Europa, relataram como foi sua experiência na Europa e entregaram as cartas e presentes trazidos de sua viagem. Hideyoshi chegou a pedir que Mancio Itō ficasse a viver na corte, entretanto, ele recusou o convite pelo fato de estar prestes a entrar no noviciado[92].

O projeto de Valignano havia sido concluído após o encontro com Hideyoshi, no entanto, ainda restava um último dever para os jovens embaixadores executarem. A comitiva de Valigano seguiu para Arima a fim de apresentar a Harunobu os presentes papais trazidos de Roma. Em seguida, os jovens japoneses foram ao encontro de Ōmura Yoshiaki[93], e da mesma forma apresentou-lhe os presentes papais.

---

[90] COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: The Journey** of **Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy**, [s.l.]: Brill, 2005. p.154.
[91] Ibid., p.155.
[92] RODRÍGUEZ, Carlos Alfredo Martínez. **Alessandro Valignano (1536-1606) e a missionação do Japão**: um projeto de inculturação. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019. p.45.
[93] Filho de Ōmura Sumitada.

Finalmente, a Missão Tenshō havia chegado ao fim. Os jovens embaixadores sobreviveram às longas e perigosas viagens à Europa; visitaram diversas cidades de Portugal, Espanha e Itália, conheceram 2 papas – podendo testemunhar a ascensão de Sixto V – Filipe II e sua família, e dezenas de figuras políticas e religiosas; viveram meses em Moçambique, Goa e Macau; retornaram ao Japão como membros da comitiva de Valignano – enviado na função de embaixador do vice-rei da Índia – e foram recebidos em uma audiência formal de Toyotomi Hideyoshi, o governante virtual de todo o Japão.

A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS DO JAPÃO

A viagem percorrida pela Missão Tenshō demorou cerca de 8 anos: a embaixada partiu do Japão em 1582 e apenas retornou em 1590. O contexto em que partiram e o contexto em que o Japão se encontrava quando retornaram eram completamente diferentes. O Japão passava por um momento de centralização política e a perseguição aos cristãos passou a ser institucionalizada.

Em 1582, Oda Nobunaga é assassinado e Toyotomi Hideyoshi se torna seu grande sucessor. Diferentemente de Nobunaga, Hideyoshi não viu com bons olhos a presença dos jesuítas no Japão. Oda Nobunaga foi tolerante e simpático com os missionários, pois estes atuavam como intermediários no comércio lusitano e eram vistos como uma ajuda no combate do aumento de poder dos *bonzos*[94]. Segundo Alexandra Curvelo e Ana F. Pinto, "os dois primeiros unificadores do arquipélago, Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi, tinham coarctado a atividade de templos budistas que constituíam uma ameaça à imposição da sua autoridade [...]"[95]. A perseguição às seitas budistas se estendeu também aos missionários católicos, visto que estes foram considerados uma força religiosa com capacidades para ditar intervenções militares e ameaçar o poder de Hideyoshi.

Em 24 de julho de 1587, Toyotomi Hideyoshi promulgou o primeiro édito de expulsão dos missionários do Japão, entretanto, ciente da importância dos jesuítas para a manutenção do comércio, não iniciou uma perseguição imediata dos cristãos. A morte de Hideyoshi em 1598 proporcionou um pequeno interregno na perseguição dos cristãos,

[94] LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Jesuítas e Daimyôs: evangelização e poder político no Japão do século XVI. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. L.], v. 4, n. 10, p. 299-314, maio 2011. p.217.
[95] CURVELO, Alexandra e PINTO, Ana Fernandes. O martírio de Cristãos no Japão: uma estratégia dos Tokugawa. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n.15, Ano VIII, 2009, pp.147-159. p. 152.

entretanto, esta torna-se uma das bases do governo dos Tokugawa. Os três primeiros *shōgun* Tokugawa Ieyasu, Tokugawa Hidetada, e Tokugawa Iemitsu, estabeleceram "uma política centralizadora que passou pelo controlo de todas as esferas da sociedade nipónica, e que, no que se refere à cristandade local, se traduziu na sua perseguição generalizada"[96]. Ao longo do governo dos Tokugawa, diversas medidas foram tomadas a fim de suprimir o cristianismo e limitar a atuação de europeus no arquipélago, tais como a obrigação de filiação de todas as famílias japonesas em um templo budista, "a obrigatoriedade dos templos budistas em emitir um certificado de "não cristão" a todos os indivíduos, sob pena de estes virem a ser classificados de dissidentes (o chamado *terauke seido*), a instituição de um sistema de recompensas por denúncia de cristãos"[97], a publicação do segundo édito anticristão em 1614 e o corte das relações com Manila em 1623.

A constante difusão de informação sobre o Japão e a construção de uma imagem positiva dos japoneses pelos jesuítas atraiu outras ordens religiosas ao arquipélago – interessadas em atuar no local divulgado como favorável à disseminação do catolicismo – e muito comerciantes europeus que buscavam um espaço na lucrativa rota comercial de Nagasaki. Os holandeses chegaram ao arquipélago em 1600, e os ingleses em 1613. Essa aproximação de outros comerciantes europeus e a quebra do monopólio comercial português foram essenciais no processo de expulsão dos cristãos do Japão, visto que os comerciantes portugueses e os missionários passaram a ser dispensáveis e substituíveis por outros comerciantes europeus – em especial os mercadores holandeses.

Em 1639, Tokugawa Iemitsu determinou a expulsão definitiva dos portugueses e missionários após a Revolta de Shimabara e Amakusa. Esta mobilizou diversos camponeses contra o governo local e foi classificada como uma revolta cristã pelo *bakufu*, em razão da utilização de símbolos católicos pelos revoltosos. No mesmo ano, Iemitsu transferiu os holandeses para a região portuária de Dejima – único local onde poderiam permanecer. Ainda que tenha sido iniciado em 1587, o processo de expulsão dos europeus se concluiu apenas em 1643, quando Tokugawa Iemitsu declarou a expulsão geral de todos os estrangeiros do arquipélago japonês, dando início a política de isolamento nacional, denominada *sakoku*.

---

[96] CURVELO, Alexandra e PINTO, Ana Fernandes. O martírio de Cristãos no Japão: uma estratégia dos Tokugawa. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n.15, Ano VIII, 2009, pp.147-159. p.148.
[97] Ibid., p.159.

OS FRUTOS DA EMBAIXADA

Segundo Charles R. Boxer, "This embassy fulfilled his [Valignano] double intention of attracting the attention of Christendom to the splendid progress the Jesuits were making in Japan, and of impressing the Japanese with the power and civilization of Catholic Europe"[98]. Por conseguinte, a atenção gerada pela embaixada também buscava ajudar a amenizar as dificuldades relativas aos custos financeiros e a falta de mão-de-obra missionária no Japão. Segundo Rui Manoel Loureiro,

> De um ponto de vista estritamente missionário, a «embaixada japonesa» organizada pela Companhia de Jesus foi um sucesso total: os temas do Japão e das missões católicas no longínquo arquipélago nipónico foram amplamente divulgados e discutidos em toda a Europa; novas vocações missionárias foram despertadas entre os jovens europeus; e renovados apoios financeiros foram reunidos pelos jesuítas para as suas missões orientais. Por outro lado, os temas do «Japão» e da «embaixada japonesa» tiveram um grande impacto no mundo tipográfico europeu. Inúmeros panfletos, relações e tratados, que se ocupavam de assuntos nipónicos, foram publicados um pouco por toda a Europa. Como foi já referido, «os legados [japoneses] colocaram o Japão no mapa para a maioria dos europeus»[99].

A trajetória dos quatro embaixadores foi amplamente difundida pelos quatro cantos da Europa e das Américas, e os jesuítas usaram intensamente a Missão Tenshō como propaganda da Companhia de Jesus. Tal fato pode ser constatado através das "[...] 76 obras publicadas no espaço de doze anos, entre 1585 e 1593, com informações directamente relacionadas com os quatro jovens conversos japoneses que visitaram a Europa"[100]. É interessante salientarmos que essas publicações não se limitaram aos três países visitados pela Missão Tenshō – Portugal, Espanha e Itália. Apesar da maioria das publicações serem originárias da Espanha e da Itália, havia relatos feitos em vários idiomas e em outros países e cidades, como Alemanha, França (Douai e Paris), Praga,

---

[98] BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University of California Press, 1967. p.73.

[99] LOUREIRO, Rui Manuel. Livros europeus para o Japão: algumas notas sobre o de missione legatorum iaponensium (macau,1590). In: RODRIGUES, Vítor Gaspar; AVELAR, Ana Paula (org.). **Os portugueses e a Ásia Marítima**: trocas científicas, técnicas e sócio-culturais (séculos xvi-xviii). [S.L.]: Academia de Marinha, 2020. p.243.

[100] LOUREIRO, Rui Manuel. Livros europeus para o Japão: algumas notas sobre o de missione legatorum iaponensium (macau,1590). In: RODRIGUES, Vítor Gaspar; AVELAR, Ana Paula (org.). **Os portugueses e a Ásia Marítima**: trocas científicas, técnicas e sócio-culturais (séculos xvi-xviii). [S.L.]: Academia de Marinha, 2020. p.243.

etc.[101] Esta impressionante lista de publicações indica que a fama da comitiva de Valignano não se limitou aos três países que visitou, nem mesmo aos meios católicos.

A constante difusão de informação sobre o Japão e a construção de uma imagem positiva dos japoneses pelos jesuítas atraiu outras ordens religiosas ao arquipélago, interessadas em atuar no local divulgado como favorável à disseminação do catolicismo. Os agostinianos chegaram ao Japão no ano de 1564, seguidos pelos franciscanos em 1576 e pelos dominicanos em 1587. Fato de grande desaprovação dos jesuítas, que defendiam "a importância estratégica de fazer a evangelização apenas por intermédio de uma só ordem religiosa e apenas através do padroado português"[102].

O monopólio da missão católica no Japão foi adquirido pelos jesuítas no mesmo ano da chegada da Missão Tenshō em Roma, em 1585. Este foi concedido através do breve *Ex pastoralis officio*, assinado por Gregório XIII. Tal questão era de grande interesse de Valignano, visto que este era um dos principais objetivos estipulados pelo *Vizitador* para a embaixada japonesa.

Valignano em várias correspondências se mostra completamente contrário à vinda de missionários de outras ordens ao Japão, pois temia que a chegada de membros inexperientes na vida e costumes japoneses atrasasse sua política de difusão do cristianismo no arquipélago. Podemos observar o posicionamento do jesuíta no seguinte trecho:

> Las qualidades, costumbres , y modo de preceder de los Japones son tan diferentes , y contrarios a los Nossos , que no es aun Japon capaz del modo de proceder que tienen otras religiones de Europa; y como esto no pueden bien entender, sino despues de mucho tempo, y mucha experiencia, vivendo elles a Japon, han de hacer pr.o los erros , q nosotros hizemos al principio , q seran aora peores, y no ayudaran para mas, que deshazer lo que nosotros despues de haver tomado mucha experiencia de la tierra, passando por muchas tribulaciones, vamos aora haciendo. Como arriba a quedadho , no es Japon q se pueda hacer fundamentalmente de governarse por medio de estrangeros; porque no es gente de tan poco brio, ni de tan poco saber , que sufre esso, y por esso no

[101] COOPER, Michael. **The Japanese mission to Europe, 1582-1590**: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.164.
[102] FRANCO, José Eduardo, Jesuítas e franciscanos perante as culturas e as religiões do Extremo Oriente: o caso da Apologia do Japão e a dramática missionação das Ilhas do Sol Nascente, **História Unisinos**, v. 11, n. 2, p.212.

> se ha de hazer cuenta sino de criar naturalles , y dexarles despues á ellos el governo de sus Iglesias , y para esso basta una sola Religion para começarlos a encaminhar[103].

Ao mesmo tempo em que buscava retratar o Japão como um local muito próspero para a difusão do cristianismo, Valignano não desejava que missionários de outras ordens fossem ao Japão – ambicionando manter o monopólio jesuíta no arquipélago. Ou seja, a ida dos quatro jovens japoneses à Europa deveria apenas atrair recursos, promover os trabalhos feitos pelos jesuítas e impressionar os jovens japoneses. A embaixada teria, portanto, fins propagandísticos muito bem definidos e orquestrados. A fim de que tudo ocorresse da forma como foi idealizada por Valignano, o jesuíta deixou diversas instruções sobre como as atividades da embaixada deveriam ser conduzidas.

Podemos citar como exemplo dessas instruções a forma como os jovens japoneses deveriam ser acolhidos. Embora Valignano desejasse que os jovens japoneses fossem muito bem recebidos,

> Valignano stressed repeatedly that the legation should be conducted on a low key. In letters to the pope, the Jesuit General, and King Philip II of Spain, he asked that the boys be received 'with few demonstrations of honour, but with many of affection'. They should not be housed in palaces or mansions, but in Jesuit residences. He laid down that solemn and public receptions should not be organized in their honour, and everything should be kept on a small and inconspicuous scale. That these recommendations were later totally disregarded in Europe cannot be blamed on Valignano[104].

Deste modo, a forma específica de como a Missão Tenshō deveria ser organizada e recepcionada indica a intenção de Valignano para a legação – nesse caso, a embaixada deveria atrair apenas a atenção desejada pelo jesuíta e evitar que os jovens japoneses tivessem contato com questões vistas como negativas pelos jesuítas, como por exemplo o protestantismo.

Por fim, outro objetivo atingido por Valignano com a embaixada foi o arrecadamento de fundos para a missão católica. Tal questão é parcialmente resolvida, pois o *Vizitador* de fato conseguiu uma pequena ajuda financeira. Esta foi concedida pelo Papa Sisto V que foi empossado durante a estada dos embaixadores em Roma. Segundo Cooper,

---

[103] FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha. p.233-234.

[104] COOPER, Michael. **The Japanese mission to Europe, 1582-1590**: The journey of four samurai boys through Portugal, Spain and Italy. 1 ed. [S.I.]: Brill, 2005. p.17.

> As their stay in Rome was drawing to a close, the pope made his final gifts and promises, which turned out to be far more generous than expected. He confirmed his predecessor's annual gift of 4,000 ducats for the seminaries in Japan, and then added another 2,000. They were told that this gift would begin in that same year, and would continue in perpetuity. Other gifts destined for the daimyo who had sent the embassy were handed over, including swords decorated with gold and silver, and a velvet hat. To Bartholomew was presented an apostolic brief promoting him to the ranks of Catholic kings. Then there were sets of liturgical vestments, with a total value of 30,000 crowns, given to the mission. In addition, 3,000 crowns were donated towards the expenses of the legates' return journey[105].

Apesar da conquista de Valignano, tal ajuda financeira foi descontinuada pouco tempo após o retorno dos jovens japoneses ao Japão e não houve nenhum outro projeto de financiamento da missão católica no Japão por parte da Igreja ou das coroas ibéricas.

[105] COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590**: The Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy, [s.l.]: Brill, 2005. p. 102.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Valignano a embaixada japonesa tinha três objetivos principais. O primeiro era obter uma solução para as dificuldades financeiras da missão japonesa e adquirir um maior apoio de Roma e das Coroas Ibéricas. Em segundo lugar, a embaixada deveria atrair a atenção das elites clericais e seculares da Europa para o Japão, demonstrando, através da presença e testemunho dos quatro japoneses que o trabalho dos jesuítas no Japão era triunfante e merecedor de reconhecimento. Em terceiro lugar, a Missão Tenshō deveria impressionar os jovens japoneses a fim de que estes servissem como testemunho da grandiosidade da religião cristã e dos reinos católicos europeus.

O projeto de Valignano pode ser visto como um sucesso incompleto, uma vez que estes objetivos foram parcialmente atingidos. Os quatro jovens embaixadores sobreviveram à longa e perigosa jornada, fato que por si só pode ser considerado um dos grandes triunfos da empreitada de Valignano. Esta observação não é feita impensadamente, uma vez que se um ou mais dos meninos tivessem morrido no caminho (dois deles adoeceram na Europa, e as viagens marítimas eram muito perigosas), então a comitiva de Valignano certamente não teria sido considerada como um sucesso.

Em relação ao primeiro objetivo de Valignano, este de fato conseguiu uma pequena ajuda financeira para a missão católica no Japão. No entanto, tal ajuda foi descontinuada pouco tempo após o retorno dos jovens japoneses ao Japão. Apesar da atenção dada à Missão Tenshō, o investimento na missão católica no Japão não se mostrou como objetivo central da Igreja ou das monarquias católicas europeias, uma vez que não houve nenhum tipo de projeto que buscasse apoiar mais concretamente a ação missionária no arquipélago japonês.

No que diz respeito ao segundo objetivo de Valignano, a embaixada recebeu muitos presentes e olhares por onde passou. A delegação de Valignano foi recebida por diversas figuras de muito poder e prestígio, como o Papa Gregório XIII, o Papa Sisto V, Filipe II e Toyocabratomi Hideyoshi – durante seu retorno para o Japão – e, em muitos casos, recebeu grandes recepções da população das regiões por onde passou. A grande

quantidade e diversidade das publicações produzidas sobre a Missão Tenshō também demonstram o grande alcance e relevância das notícias sobre a embaixada. Entretanto, esta atenção recebida pelos jovens japoneses não chegou a mobilizar o apoio que Valignano tanto desejava. A curiosidade pelo "outro" – neste caso o povo japonês – foi manifestado em grande parte devido à importância que lhes foi dada pelo encontro com autoridades europeias e pela forma como os europeus enxergaram os meninos japoneses. Os jovens foram vistos como possíveis cristãos, civilizados, ou seja, diferentes fisicamente dos europeus, mas semelhantes na medida em que não eram considerados "selvagens", como os indígenas nas Américas, por exemplo. Os europeus não os viam como iguais, mas sua curiosidade foi despertada exatamente pelo "potencial" que os japoneses possuíam, ou seja, os europeus podiam de certa forma, enxergar certas semelhanças entre ambos os lados, mesmo que sempre apontando os japoneses como inferiores. Tal curiosidade não passou disto, apenas curiosidade sobre o diferente, e apesar de ser bem sucedido em usar a Missão Tenshō como propaganda da missão católica no Japão, Valignano não teve sucesso em transformar essa atenção em apoio e ação.

Com relação ao terceiro objetivo de Valignano, este foi de certa forma bem sucedido, pois os jovens foram bem recebidos ao voltar ao Japão e puderam relatar suas experiências a vários japoneses, cristão e não cristãos, porém não é possível averiguar que tais relatos impactaram de forma significativa a maneira como os japoneses viam os europeus e a Europa. Apesar dos jovens embaixadores terem retornado ao Japão e servido de testemunho das "grandiosidades da civilização europeia", seus relatos na prática não geraram grandes frutos, visto que o encontro da comitiva de Valignano com Toyotomi Hideyoshi não impediu a perseguição e expulsão dos cristãos do arquipélago.

Por fim, a Missão Tenshō apresentou o Japão à Europa e a terra misteriosa apontada há muitos anos por Marco Polo – nomeada como "Zipangu" – havia se tornado uma realidade para os europeus.

FONTE

FRÓIS, Luís. **Tratado dos embaixadores japões que forão de Japão a Roma no ano de 1582**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [1701]. Cópia de parte da "Historia de Japam" do Padre Luís Fróis, compilada pelo Padre José Montanha.

BIBLIOGRAFIA

BATTS, Joshua. **Circling the Waters**: the keicho embassy and Japanese-Spanish relations in the early seventeenth century. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Columbia University, Nova York, 2017.

BERNABÉ, Renata Cabral. The beginning of the dispute between Jesuits and Franciscans in Japan. **Eastern Asian Studies**, Yerevan, v. 3, p. 5-27, 2018.

BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BERNABÉ, Renata Cabral. **A construção da missão japonesa no século XVI**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University of California Press, 1967.

BOXER, Charles Ralph. **O império colonial português (1415-1825)**. Lisboa: Edições 70, 1969.

BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University Of California Press, 1967.

BROWN, Judith C. Courtiers and Christians: the first Japanese emissaries to Europe. **Renaissance Quarterly**, [S.I.], v. 47, n. 4, p. 872-906, dez. 1994.

COOPER, Michael, **The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: The Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy**, [s.l.]: Brill, 2005.

CURVELO, Alexandra e PINTO, Ana Fernandes. O martírio de Cristãos no Japão: uma estratégia dos Tokugawa. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n.15, Ano VIII, 2009, pp.147-159.

CURVELO, Alexandra e PINTO, Ana Fernandes. O martírio de Cristãos no Japão: uma estratégia dos Tokugawa. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n.15, Ano VIII, 2009, pp.147-159.

ELISONAS, Jurgis Saulius Algirdas. Journey to the west. **Japanese Journal of Religious Studies**, Nagoya, v. 34, n. 1, p. 27-66, jan. 2007.

HENSHALL, Kenneth G. **A history of Japan**: from stone age to superpower. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

HERNANDES, Paulo Romualdo, A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil, **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 222–244, 2010.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso Leão. Mercadores portugueses e jesuítas no Japão no século 16. *In:* PINTO, Luciano Rocha (org). **História Revistas**: sobre instituições, corpos e 'almas'. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Jesuítas e Daimyôs: evangelização e poder político no Japão do século XVI. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. L.], v. 4, n. 10, p. 299-314, maio 2011.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares japoneses na missão nipônica (1549-1614). **Revista Angelus Novus**, [*s. l*], n. 6, p. 57-74, 2013.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os pregadores japoneses**: missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614. 2017. 319 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

LOUREIRO, Rui Manuel. Jesuit textual strategies in Japan between 1549 and 1582. **Bulletin Of Portuguese - Japanese Studies**, Lisboa, v. 8, n. 1, p. 39-63, jun. 2014.

LOUREIRO, Rui Manuel. Livros europeus para o Japão: algumas notas sobre o de missione legatorum iaponensium (macau,1590). In: RODRIGUES, Vítor Gaspar; AVELAR, Ana Paula (org.). **Os portugueses e a Ásia Marítima**: trocas científicas, técnicas e sócio-culturais (séculos xvi-xviii). [S.L.]: Academia de Marinha, 2020.

LOUREIRO, Rui Manuel. Navios, mercadorias e embalagens na rota Macau-Nagasáqui. **Revista de Cultura**, Macau, v. 3, n. 24, p. 33-51, out. 2007.

MASSARELLA, Derek, Envoys and Illusions: The Japanese Embassy to Europe, 1582-90, "De Missione Legatorvm Iaponensium", and the Portuguese Viceregal Embassy to Toyotomi Hideyoshi, 1591, **Journal of the Royal Asiatic Society, Third Series**, v. 15, n. 3, p. 329–350, 2005.

PANIKKAR, Kavalam Madhava. **Asia and Western Dominance**: a survey of the Vasco da Gama epoch of asian history 1498-1945. Londres: Geroge Allen & Unwin Ltd, 1959.

PINTO, Ana Fernandes. Japanese elites as seen by Jesuit Missionaries: perceptions of social and political inequality among the elites. **Bulletin of Portuguese**: Japanese Studies, Lisboa, n. 1, p. 29-43, out. 2000.

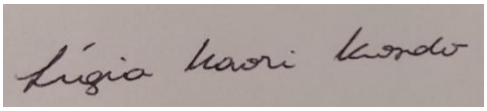
RESENDE, Helena Maria de. O OUTRO CIVILIZACIONAL: o Japão do século XVI visto pelos olhos de um jesuíta português.: O JAPÃO DO SÉCULO XVI VISTO PELOS OLHOS DE UM JESUÍTA PORTUGUÊS. **Revista de História das Ideias**, [s.l.], v. 35, p. 283-303, 17 set. 2018. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-8925_35_11.

RODRÍGUEZ, Carlos Alfredo Martínez. **Alessandro Valignano (1536-1606) e a missionação do Japão**: um projeto de inculturação. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019.

SILVA, Luciana Nogueira da. "Século Cristão no Japão" ou "Século das mulheres cristãs no Japão"?: o jardim nipônico de agostinho de santa maria. In: XXXII SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF, 2016, Juiz de Fora. **Anais [...] .** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. p. 922-935.

ÜÇERLER, Murat Antoni Jonh. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer. **Renaissance Studies**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 337-366, set. 2003.

Eu, Lígia Kaori Kondo, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A MISSÃO TENSHŌ: A PRIMEIRA EMBAIXADA JAPONESA NA EUROPA” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.



Lígia Kaori Kondo

02 de janeiro de 2023.